

# Jorge Amado e seus editores: Alfred Knopf e Alfredo Machado

*Antonio Dimas*

*“Nenhum outro autor pode representar melhor a afeição de Knopf pelo Brasil do que Jorge Amado. Em 1970 ele era o único sul-americano que podia se vangloriar de ter seis títulos publicados em inglês”*

*(Irene Rostagno, Searching for Recognition, 1997).*

**N**as prateleiras de um *campus* do Texas repousam alguns documentos essenciais para redesenhar a extensa e generosa carreira de Jorge Amado. Não só dele, aliás. Mas de muitos outros nossos que desenvolveram ofício intelectual neste país: escritores, historiadores, economistas, advogados, diplomatas, jornalistas, educadores, editores ou tradutores.

É nos quase duzentos metros lineares do acervo de Alfred e Blanche Knopf que estão preservadas, de modo exemplar, inúmeras informações de amplo acesso ao pesquisador interessado na intensa movimentação intelectual e editorial que se deu entre o Brasil e os EUA, sobretudo a partir dos anos 40. Foi para o Harry Ransom Center da University of Texas at Austin que Alfred (1892-1984) e Blanche Knopf (1894-1966) doaram os fartos arquivos da editora que criaram em 1915 e que permaneceu ativa até 1960 (<http://www.hrc.utexas.edu/collections/books/holdings/knopf/>).

Nesses tantos anos de vida, a editora, que tinha um galgo como logomarca rapidamente identificável, acolheu muitos escritores latino-americanos e brasileiros ao lado de outros europeus e norte-americanos. Para disputar a atenção do leitor norte-americano, a equipe editorial da Alfred A. Knopf, Inc., manteve-se sempre afiada e a par das novidades que surgiam nos vários cantos do mundo, incluindo-se aí nosso universo de fala luso-hispânica. Hoje, a memória desse grupo extenso, encarregado de atribuições diversas, tornou-se testemunho de atividade intensa e nos devolve um período de troca editorial. Por meio dessa memória, bem mais que a simples comercialização do livro, revela-se também uma dimensão que ultrapassa o mero interesse pecuniário das partes envolvidas.

É de Jorge Amado (1912-2001), no interior desse patrimônio editorial, que trata este artigo. De suas relações com dois de seus editores: o norte-americano Alfred Knopf e o brasileiro Alfredo Machado.

\* \* \*

Diante das mais de 1.500 – 1.526, exatamente! – caixas do acervo profissional e pessoal de Alfred Knopf, doado à University of Texas at Austin nos anos 60 do século passado, a ansiedade é inevitável. Assim como é inevitável também a sensação de que para elas confluíu o que de melhor produziu o século XX, tantos são os nomes notáveis que nelas estão guardados. É um vórtice onde se embaralham artistas, escritores, editores, dissidentes, jornalistas, cientistas, cineastas,

diplomatas, críticos, agentes literários, cantores, políticos, maestros, filósofos, pintores, historiadores, antropólogos, conservacionistas, sociólogos e o que mais couber em matéria de ilustração, sob os matizes ideológicos os mais diversos.

Exemplo dessa cornucópia de conteúdo sempre inesperado são os nomes que se embaralham e desfilam nessa ciranda epistolar muito bem organizada, em que pese a quantidade diversificada: T. S. Eliot, Federico Fellini, Ilya Eherenburg, Albert Einstein, William Faulkner, Carmen Balcells, Joan Baez, Pierre Boulez, Lauren Bacall, Simone de Beauvoir, J. P. Sartre, Leonard Bernstein, Nadia Boulanger, Herbert Hoover, Charlie Mingus, André Gide, Antonio Gramsci, Dashiell Hammett, Charles de Gaulle, Alfred Hitchcock, George & Ira Gershwin, Theodore Adorno, Anna Akhmatova, Raymond Aron, Miguel A. Asturias, Fred Astaire, Erich Auerbach,

Marcel Duchamp, Boris Pasternak, Pier Paolo Paolini, V. Maiakóvski, Norman Mailer, Ana Magnani... Ou de outros, significativos para nossa inteligência e à espera do pesquisador brasileiro: Antonio Callado, Roberto Campos, Clarice Lispector, Gilberto Amado, Hélder Câmara, Carlos Lacerda, Jorge Amado, Gilberto Freyre, Júlio de Mesquita Filho, Guimarães Rosa, Érico Veríssimo, Wilson Martins, José Lins do Rego, Hélio Jaguaribe. Sem contar editores como Alfredo Machado, da Record, José Olympio e Geraldo Jordão Pereira, da J. Olympio, Diaulas Riedel, da Cultrix; tradutores como Barbara Shelby, Harriet de Onís, Samuel Putnam e Gregory Rabassa, diretamente envolvidos com a tradução de nossos ficcionistas; advogados como Maurício Nabuco, ligado à tarefa dos direitos autorais; ou até mesmo nomes que, de uma forma ou de outra, intervieram nas relações da editora de Alfred Knopf com a produção bra-

**ANTONIO DIMAS** é professor de Literatura Brasileira da FFLCH-USP e autor de, entre outros, *Bilac, o Jornalista* (Edusp).

**Jorge Amado na Lavagem do Bonfim** (Salvador, 1976)



Fundação Casa de Jorge Amado

sileira do pós-guerra, tais como Waldo Frank, William Berrien, Fred Ellison, Frank Tannenbaum, Emir Rodríguez-Monegal e outros.

Para melhor reconstituir o desenvolvimento da indústria editorial norte-americana é de praxe recorrer a John Tebbel, fonte inesgotável de informações. Os quatro volumes de seu *A History of Book Publishing in the United States* (1972-78), ou o seu *The Magazine in America 1741-1990* (1991) ou ainda o seu *Between Covers. The Rise and Transformation of Book Publishing in America* (1987) são guias seguros para essa reconstituição. Neste último, o historiador faz retrato preciso do grupo fundador da editora de Alfred Knopf:

“Como figura de transição entre o velho e o novo mundo editorial, Alfred A. Knopf exemplificou a tradição literária do passado ao mesmo tempo em que inaugurava caminho novo, especialmente naquilo que dizia respeito à produção física dos livros. Nos anos 20, ele começou a ser considerado com enorme respeito e até mesmo espanto, dentro e fora do negócio. Sua figura era de tal proporção que alguns daqueles que observavam seu progresso mal sabiam como encará-lo. Um dos primeiros elogios extensos sobre seu trabalho apareceu na páginas do recém-lançado *New Yorker*, um ‘Perfil’ escrito por Lurton Blassingame, que, mais tarde, se tornaria agente literário em Nova York.

Seu parágrafo de abertura não era lá muito respeitoso: ‘Alfred Knopf demonstra gosto apurado e critério para a boa literatura, uma autoconfiança enorme que o faz experimentar esse bom gosto até o limite, uma energia incansável que produz realizações a partir de ideias. Mas seu sucesso não se deve apenas a essas características, porque ele tem dois aliados poderosos: seu pai, que o ajudou bastante nos negócios e que vigia seu idealismo; sua esposa, que o dotou com a graça social e o charme que faltaram a ele e a seu pai’” (Tebbel, 1987, p. 228).

Sobre esse trio inicial, cabem ainda algumas linhas para realçar a figura de Blanche Knopf, cuja ascendência intelectual na edito-

ra que ajudou a criar não deixa muita dúvida, porque foi ela, em lance ousado, que atravessou o Atlântico Sul em plena guerra para garimpar escritores hispano-americanos e brasileiros. “Em 1942 fui aos principais países da América Latina para procurar livros que seriam do nosso interesse na América do Norte”, explica-se Blanche em nota introdutória a um panfleto no qual registrou esse percurso e publicou a lista dos doze primeiros títulos escolhidos pela editora: *The Violent Land* (*Terras do Sem Fim*), de Jorge Amado; a antologia *The Green Continent*, organizada por Germán Arciniegas, bem como seu *Caribbean: Sea of the New World* (*El Mar del Nuevo Mundo*); *Bewitched Lands* (*Tierras Hechizadas*), do boliviano Adolfo Costa du Rels; *Mexico South e Island of Bali*, do mexicano Miguel Covarrubias; *Brazil, an Interpretation* e *The Masters and the Slaves* (*Casa Grande & Senzala*), de Gilberto Freyre; *Green Mansion*, do anglo-argentino W. H. Hudson; *The Bay of Silence* (*La Bahía de Silencio*), do argentino Eduardo Mallea; *The Knights of the Cape* (*Tradiciones Peruanas*), do peruano Ricardo Palma; e *Anguish* (*Angústia*), de Graciliano Ramos.

Irene Rostagno, pesquisadora chilena, centrou seu doutoramento na “promoção da literatura latino-americana nos Estados Unidos” em livro que recebeu o título de *Searching for Recognition*. Nele, em capítulo inteiro dedicado aos Knopfs – “Blanche and Alfred Knopf’s Literary Roundup” –, a autora recupera os entornos da tradução dos livros acima e ainda acrescenta os posteriores de Jorge Amado, de Guimarães Rosa e de Clarice Lispector. Logo no início desse capítulo, Irene Rostagno (1997, p. 31) explica:

“O interesse (dos Knopfs) pela América Latina não se desenvolveu até os anos 40, no entanto. As condições da guerra haviam interrompido as viagens para a Europa e tornaram necessária a exploração de novos autores e de mercado para o seu catálogo. Dos dois Knopfs, Blanche era a mais cosmopolita. Falava francês com fluência e um pouco de espanhol, sentia-se à vontade nos

círculos literários europeus e envolvera-se, pessoalmente, na publicação de Gide, Thomas Mann e da escritora britânica Elizabeth Bowen. Dessa forma, foi muito apropriado que ela encarasse a oportunidade de viajar para a América Latina pelo ‘Programa da Boa Vizinhança’ de Roosevelt. Assim, em 1942 ela começou sua viagem de prospecção. Esse ‘apanhado literário’, como ela mesma descreveu sua viagem à Colômbia, ao Chile, ao Peru, à Argentina, ao Uruguai e ao Brasil, deu-lhe a chance de adquirir, em primeira mão, a visão daquilo que estava sendo escrito, lido e publicado na América Latina”.

Desse fecundo e extenso relacionamento dos Knopfs com o Brasil – tão fecundo a ponto de Blanche ter batizado com seu nome uma das bibliotecas do Instituto Joaquim Nabuco, em Apipucos, no Recife – podem ser destacados alguns brasileiros, cuja correspondência recheia algumas das tantas caixas guardadas com capricho no Harry Ransom Center de Austin, Texas.

A lista é longa, mas, como demonstração, recortamos um nome preciso, o de Jorge Amado. Seu relacionamento com Alfred Knopf sugere um forte grau de flexibilização recíproca e de entendimento humano capazes de vencer as resistências individuais e as reservas políticas, de ambos os lados. Seria ingenuidade supor que tudo se fazia pelo bom sucesso das armas da literatura, é claro; que não havia interesses pecuniários em jogo; que a exigência estética fosse prioridade absoluta e que as regras do mercado não interferissem nessa aproximação. Mais ingênuo seria supor, no entanto, que a motivação principal da troca entre Alfred e Jorge se restringisse tão somente à valorização do artefato literário, independente de sua eventual rentabilidade, visada pelos dois lados, sem o menor vestígio de má consciência burguesa.

São cinco os brasileiros mais presentes nas caixas de Alfred Knopf, e quem mais as recheia é Jorge Amado, que preenche quase setenta delas. Tinha toda razão João Jorge, seu filho, quando afirmou, há pouco, que “Jorge Amado era um homem extrema-

mente epistolar. Utilizava muito o correio. [...] Considerava uma falta de respeito deixar uma carta sem resposta” (Amado, 2012, p. 11). Parte da volumosa correspondência de seu pai, objeto dessa notícia, comprova isso.

Depois de Jorge, na sequência, vêm: Alfredo Machado, proprietário da Editora Record, com cerca de 49 caixas; o advogado Maurício Nabuco, com cerca de 47 caixas; Gilberto Freyre, com cerca de 45 caixas; e a editora José Olympio, com 35 caixas.

O roteiro epistolar entre Jorge e Alfred é comovente, afetivo e tingido de personalismos e de idiosincrasias. Em movimento que se expande no sentido de incluir cada vez mais pessoas, é uma correspondência essa que ultrapassa questões editoriais imediatas e ganha corpo com a inclusão de demais colaboradores da editora norte-americana e das esposas de Jorge e Alfred: Zélia Gattai (1916-2008), de um lado; Blanche Knopf, primeiro, e Helen Hedrick (1903-95), depois da viuvez de Alfred. Aos poucos – isso é perceptível – vai-se abasileirando o capitalista americano; devagar, devagar, americaniza-se o então comunista baiano.

Foi com *Terras do Sem Fim* (1942) que se inaugurou a coleção latino-americana da Knopf em 1945, e foi Samuel Putnam que o traduziu sob o título de *The Violent Land*. Putnam já estabelecera sua reputação como tradutor do português em 1944, quando a University of Chicago Press publicara sua versão norte-americana de *Os Sertões* (*Rebellion in the Backlands*), acompanhada de prefácio massudo do próprio Putnam. Pouco tempo depois do aparecimento de *The Violent Land* no mercado norte-americano, Jorge e Alfred Knopf começam a trocar cartas, a primeira delas ainda marcada pela impaciência controlada por parte do escritor baiano.

É dos fins de 1950 a iniciativa da primeira carta de Jorge, naquele momento morando no Castelo dos Escritores, em Dobris, arredores de Praga. Desse castelo, onde Jorge e Zélia Gattai estavam hospedados a convite da Sociedade de Escritores Checos, as lembranças de Zélia, registradas em *Senhora Dona do Baile*, são muito favoráveis:

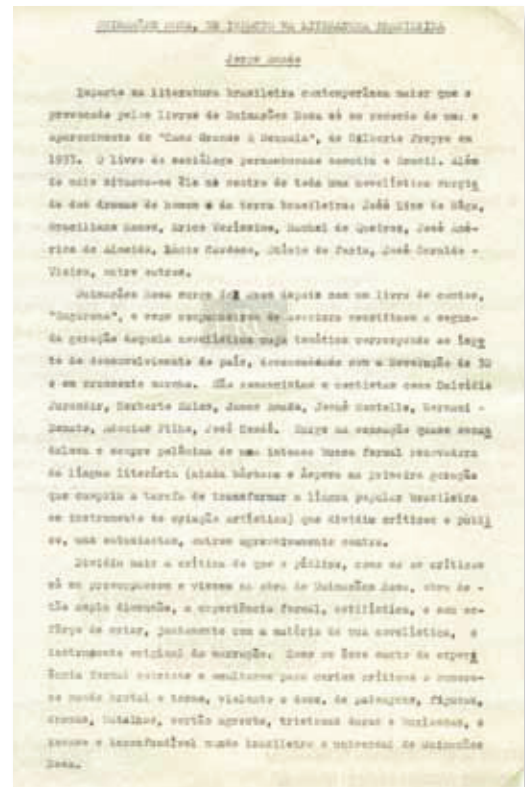


“Situado a quarenta quilômetros de Praga, na localidade de Dobris, o Castelo dos Escritores era, sem tirar nem pôr, uma cópia ou miniatura do Palais de Versailles. Apenas não possuía as dimensões gigantescas do palácio de Luís XIV. Seus jardins e parques também haviam sido copiados a capricho dos famosos jardins de Versailles. Suntuosos salões de festas, bibliotecas bem sortidas, salas de jogos com mesa de bilhar, galerias ostentando quadros de caça e cabeças de veados embalsamadas penduradas pelas paredes, luxuosos aposentos, sessenta ao todo. O castelo de Dobris estava agora à disposição dos escritores tchecos” (Gattai, 2009, pp. 77-8).

Nesse momento, muito próximo ainda do fim da Segunda Guerra Mundial, vivia o casal em plena lua de mel com o comunismo. Atarefado com a sua participação em Congressos pela Paz, realizados na Polônia (1948), e em Paris e em Praga (1949), e entusiasmado com a derrota nazista, Jorge só tinha olhos para Stálin e para a experiência soviética, coberta de elogios em livro, mais tarde renegado sem nenhum transtorno maior. Em *Navegação de Cabotagem*, suas memórias estruturadas em fragmentos de aparência aleatória, Jorge comenta, com o humor aguçado pela idade:

“Tarefa política, de volta da União Soviética e dos países de democracia popular do leste europeu, escrevo livro de viagens, o elogio sem vacilações do que vi, tudo ou quase tudo parece-me positivo, stalinista incondicional silencieei o negativo como convinha. Para falar da Albânia plagiei título de Hemingway: *A Albânia É uma Festa*. Em verdade ainda não era o pesadelo em que se transformou, estava começando.

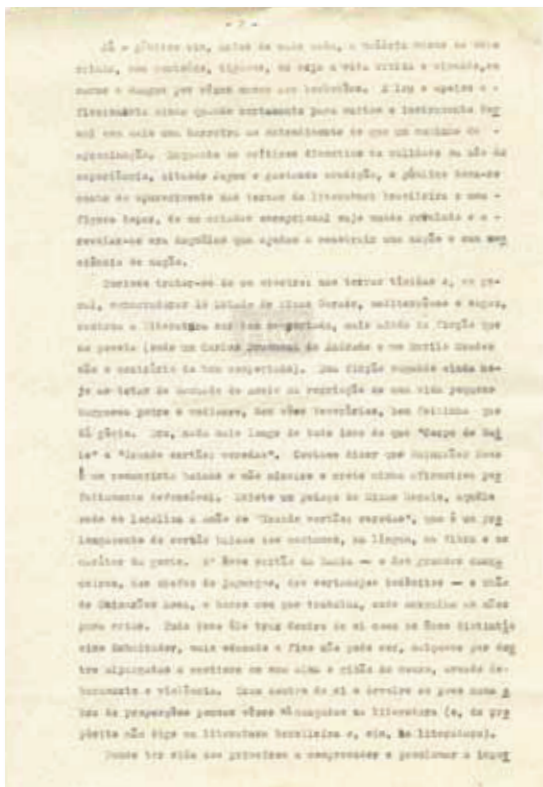
Publicado no Brasil pela editora do pecê, *O Mundo da Paz* vendeu cinco edições em poucos meses, valeu-me processo na justiça, acusado de autor subversivo. Convidei João Mangabeira para meu advogado, mas não cheguei a ir a juízo, o magistrado a cargo do processo mandou arquivá-lo com sentença repleta de sabedoria: de tão ruim, o livro não



chega a ser subversivo, é tão somente sectário. Em verdade, não escreveu ‘de tão ruim’, o acréscimo quem o faz sou eu, autocrítica tardia mas sincera.

Dei razão ao meritíssimo, retirei *O Mundo da Paz* de circulação, risquei-o da relação de minhas obras, busco esquecê-lo mas, de quando em vez, colocam em minha frente um exemplar com pedido de autógrafo. Autógrafo, o que posso fazer se o escrevi?” (Amado, 2006, p. 197).

Pois foi desse clima embalado pela euforia marxista que partiram os primeiros contatos de Jorge Amado com a editora norte-americana. Desde outubro de 1950 cruzavam-se as cartas sobre o Atlântico Norte, nas quais Jorge pedia exemplares de seu *The Violent Land*, lançado em 1945. Herbert Weinstock, braço direito de Alfred Knopf, respondeu-lhe prontamente, dizendo que não havia mais exemplares no estoque, embora as vendas tivessem sido “*disappointingly small*” (31 de outubro de 1950. Box 60.10). Nas vésperas do Natal de 1950, e ainda exi-



lado nas cercanias de Praga, o escritor, pai de filho pequeno e à espera de uma filha, dobrava-se às evidências e questionava a editora americana sobre os US\$ 139,63 que lhe eram devidos pela tradução de *Terras do Sem Fim*. A justificativa para o pedido não podia ser mais cristã e menos marxista: “[...] because I want to make my Christmas [sic] purchases in time” (29 de novembro de 1950. Box 80.13). De Nova York o cheque seguiu para Dobris no começo de dezembro de 1950 (8 de dezembro de 1950. Box 80.13).

Ao longo dos anos, no entanto, Alfred Knopf foi-se revelando um agente literário dos mais empenhados graças a sua poderosa rede de conexões. Trecho de uma de suas cartas para Jorge comprova o gesto, que pouco tinha de pessoal e muito de comercial:

“[...] Quanto aos direitos autorais de tradução v. há de se lembrar de que nosso contrato original, datado de 16 jun. 1943, cedeu-nos todos os direitos de tradução exceto aqueles relativos ao espanhol e ao português (de Portugal). Por conseguinte, fizemos gestões para

publicar sua obra com os Srs. Nagel em Paris em contrato de 09 out. 1945 [...]. Em 1947 fizemos outras gestões com a filial húngara dos Nagel [...].

De acordo com nossos registros, fizemos gestões para a serialização sueca de *The Violent Land* [...].

Muitos anos atrás enviamos um exemplar de seu livro *The Violent Land* para Kempees & Stevens na Holanda, a pedido do Dr. H. Rosenfeld do Rio de Janeiro. Mais tarde, fomos informados de que eles haviam oferecido os direitos de tradução [desse livro] para as seguintes línguas: eslovaco, holandês, búlgaro, polonês, iugoslavo (servo-croata) e alemão” (9 de fevereiro de 1951. Box 80.13.).

A frieza inicial dessas relações entre editor e escritor não é de espantar visto que o que interessa a ambos, nessa fase, não é senão a remuneração devida de seus serviços profissionais. Superada essa etapa, no entanto, a correspondência entre Alfred Knopf e Jorge Amado toma outro rumo, sobretudo a partir dos anos 60.

**Originais do prefácio de Jorge Amado para a edição norte-americana de Grande Sertão: Veredas**

Fosse por causa do degelo stalinista, iniciado com o célebre discurso secreto de Krushev no encerramento do 20º Congresso do PC soviético (fevereiro de 1956), fosse por causa do sucesso editorial de *Gabriela, Cravo e Canela*, publicado em 1958 no Brasil, a verdade é que os anos 60 degelaram também a conversa entre Jorge e Alfred, agora não mais apequenada pela desconfiança do baiano, nem pela polidez *business-like* do americano. Parece que até nisso Gabriela se meteu. Dela em diante, as cartas se afrouxam e imitam a moça quando se livrava dos sapatos que lhe atormentavam os pés: “Entrou na sala, arrancou os sapatos. Ficava grande parte do dia em pé, andando de mesa em mesa. Um prazer tirar os sapatos, as meias, mexer os dedos dos pés, dar uns passos descalços, enfiar os velhos chinelos ‘cara de gato’” (Amado, 1958, p. 187). De chinelas, as cartas ganham um outro andamento, bem distante do terreno pedregoso em que tanto se judiara a retirante baiana. Aos poucos, desfazia-se a pose recíproca e investia-se mais numa confiança que se modelava pela generosidade pessoal e profissional mútua. Como réplica da mudança narrativa, impulsionada pelo “desmonte do mito estalinista (que) aliviara finalmente os escritores de esquerda das coerções mais tirânicas do chamado realismo socialista” (Paes, 1991, p. 27), a correspondência entre o escritor e o editor alcança outro patamar. Desarmados, Jorge e Alfred começaram a funcionar em sintonia que melhor atendesse seus projetos, em camaradagem desataviada.

Além de amolentar a ortodoxia do romancista, Gabriela amadrinhou os dois. Em outro setor dessa documentação inesgotável, isso é fácil de se perceber. Entre tantos papéis e tantas cartas, há folhas e folhas de um diário inédito de Alfred Knopf. Essas bem mais de 1.500 páginas datiloscritas, numeradas uma a uma e sobrecarregadas de rasuras, fariam a delícia da crítica genética, pois que se apresentam verdadeiramente *in progress*. Tudo indica que seu autor preparava suas memórias, inéditas até hoje. Uma dessas páginas, a de número 1.490, transcreve bilhete de

Jorge Amado, que cumprimenta seu amigo editor pela passagem de seu septuagésimo aniversário. Nele, lê-se: “Gabriela, Cravo e Canela *salutes Alfred Knopf on his 70th birthday, asks his blessings, and in his homage dances a Brazilian dance asking the gods many years of life for her American uncle. With the friendship of Jorge Amado. Rio de Janeiro. August 1962*”. Logo abaixo, algum funcionário da editora anotou a lápis: “*Inscribed in a copy of a special edition of Gabriela*”.

Não é apenas efusão que o bilhete traz, mas a encarnação da própria personagem, que se torna, assim, entidade viva, benfazeja e protetora de um relacionamento que começara, anos antes, sob a marca da desconfiança e do azedume, não por acaso localizado em territórios físicos distantes e ideologicamente antagônicos.

Sob essa proteção, na qual os deuses não se avexam em dançar com alegria, dissolvem-se as reservas pessoais e dinamiza-se a coreografia. Ora é Jorge demonstrando seu receio diante da voracidade do imposto de renda norte-americano (3 de maio de 1965. Box 430.3) e pedindo informações a respeito das leis fiscais e tributárias dos EUA (2 de junho de 1963. Box 400.14), ora é Alfred mostrando-se eufórico com planos de viagem ao Brasil – “*I would go wherever you wanted me to go and do whatever you recommend to me to do*” (16 de janeiro de 1967. Box 524.7) – ou intermediando negociações entre Jorge e a Metro Goldwyn Mayer para a filmagem (frustrada, mas cheia de peripécias curiosas) de *Gabriela, Cravo e Canela* (s. d. Box 401.2).

Na convivência que se alargava e se estreitava ao mesmo tempo, o americano aprendia como se editava no Brasil, e o brasileiro aprendia valorização autoral no âmbito do capitalismo. Com naturalidade, Alfred punha-se de orientador em questões comerciais e editoriais; com bonomia, Jorge abria nossa literatura e, sem afetação, indicava veredas literárias brasileiras, sabido e tarimbado que era nelas. Do lado americano desciam sugestões que visavam à otimização do ofício de

escritor, ainda muito maltratado neste país naqueles idos; do lado brasileiro, subiam informações sobre a intimidade do sistema literário brasileiro à espera de reconhecimento externo, tarefa ainda hoje sofrida.

Em *Navegação de Cabotagem*, no primeiro fragmento consagrado a Guimarães Rosa, Jorge Amado esclarece que o editor americano lhe pedira prefácio (setembro de 1962. Box 339.5. para a tradução de *Grande Sertão: Veredas*:

“Alfred Knopf decide publicar a tradução em língua inglesa de *Grande Sertão: Veredas*, pede-me prefácio, dá-me pressa. Eu o redijo no quarto de hotel, desabituei-me de escrever a mão, custa-me esforço, nele defendo duas teses que causarão escândalo nas províncias literárias do Brasil” (Amado, 2006, p. 117).

A rigor, são bem mais de duas, embora sempre correlatas entre si. Peca por modéstia o prefaciador, portanto. Porque não são apenas duas as teses que provocam, mas algumas outras, de maior ou de menor incidência. Embora não caiba explorá-las, cabe, no entanto, ressaltá-las.

Uma delas – a de “que Guimarães Rosa não é romancista mineiro e, sim, baiano” – deixa à mostra larga familiaridade de Jorge com a cultura do romance brasileiro, o que o torna capaz de situar o romancista de Cordisburgo numa vertente nada convencional, nada submissa ao aticismo linguístico de um Machado de Assis, por exemplo.

Uma outra, tão atrevida quanto as demais, era a de que, passado o entusiasmo com a inegável novidade linguística do romance, dificilmente transponível para outra língua, restaria o quê?

“[...] o sangue da gente recriado pelo criador de personagens, a cor, o odor, os sentimentos, os locais, os hábitos descritos pelo criador de ambientes, restarão o Brasil e o povo brasileiro, o sertão desmedido, a desmedida bravura, a ânsia e o amor, restará o sangue quando a tinta se apagar de todo” (Amado, 2006, p. 188).

Segundo Jorge, a magia linguística do romance teria levado parte de nossa crítica a se fixar mais na “experiência formal, estilística” do que no “rumoroso mundo brutal e terno, violento e doce, de paisagens, figuras, dramas, batalhas, sertão agreste, tristezas duras e burlescas” do país. Em suma: ficou mais cômodo, do ponto de vista crítico, desviar-se das nossas mazelas e contradições para ficar apenas nas “rosinhas flores”, de que fala Riobaldo.

Uma outra tese subjacente é a de que, da perspectiva do conservadorismo literário mineiro, convinha o escamoteamento de umas Minas como “prolongamento do sertão baiano” e, por extensão, nordestino. Que, dessa perspectiva, reivindicar o sertão como paisagem mais ao sul do que ao norte contribuiria para desfocar o drama do mandonismo político, deslocando-o para a questão da angústia existencial.

No fundo, essa polaridade norte x sul levantada por Jorge Amado entronca-se em velho contencioso de geopolítica literária brasileira e ressuscita polêmica, que, vira e mexe, reaparece. Sua origem inicial bem pode ser localizada na distante década de 70 do século XIX, quando, no Recife, dava-se início a uma forte discussão em torno da nacionalidade de nossa literatura. Foi Franklin Távora (1842-88) que a formalizou em prefácio ao seu romance *O Cabeleira* (1876), e é Eduardo V. Martins (s. d.), um dos mais recentes estudiosos dessa questão, que a resume bem:

“Em 1876, Franklin Távora deu início à publicação de um conjunto de trabalhos que comporiam o que ele chamou de ‘literatura do Norte’, constituída por *O Cabeleira* (1876), *O Matuto* (1878) e *Lourenço* (1881) [e] *Um Casamento no Arrabalde* (1881) [...]. Formulado no prefácio de *O Cabeleira*, [seu] projeto retomava algumas teses expostas nas *Cartas a Cincinnati* (1871-1872), um conjunto de estudos no qual [Távora] polemizava com José de Alencar. Segundo Távora, Alencar era um escritor de gabinete, que, por não ter observado as regiões e os tipos humanos representados em seus romances, abusou da imaginação e cometeu diversos erros e impropriedades. Contrapondo-se à perspectiva alencariana, Távora de-



fendia que o trabalho do romancista deveria se basear na observação da natureza [...]”.

*O Cabeleira* é fraco do ponto de vista narrativo, mas significativo como marco histórico, porque coloca, de modo formal e pioneiro, uma questão que se arrasta desde então e que poderia ser formulada, *grosso modo*, da seguinte maneira: onde o Brasil é mais autêntico: no norte ou no sul? No norte, menos sujeito ao povoamento estrangeiro, ou no sul, onde ondas imigratórias sucessivas, vindas da Europa de preferência, desfiguraram nossa identidade inicial?

Franklin Távora (1963, p. 16) disse-o de modo taxativo:

“As letras têm, como a política, um certo caráter geográfico; mais no Norte, porém, do que no Sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra.

*A razão é óbvia: o Norte ainda não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro”.*

Claro que se trata de questão delicada, faísca fácil para detonar ímpetos de xenofobia, de separatismo, de purismo e de etnocentrismo, sobretudo em momentos de desacerto mais visível entre as partes. No entanto, não é isso – me parece – que está implícito na apresentação que Jorge Amado faz ao romance clássico de Guimarães Rosa. Não é a reivindicação, com laivos seccionistas, de um território mais autêntico que o outro.

O que de mais aliciante pulsa em sua apresentação crítica é a objetividade enxuta de quem gozava de intimidade com o romance brasileiro, expressa em frases curtas, pontuais e nem um pouco concessivas. São juízos críticos que revelam, de um lado, a familiaridade com a tradição do ofício que escolhera e a cultura específica do gênero; de outro, a militância crítica de quem tanto se exercitara nas páginas do *Boletim de Ariel* (1931-39), durante a efervescência do romance de 30, acompanhada muito de perto, ou ainda a convivência íntima com o epi-

centro dessa produção, isto é, a *cozinha* da editora J. Olympio. Pelo menos é isso que se desprende da leitura de curta bibliografia que já se consolida em torno dessa editora tão importante como suporte material de nossa atualização cultural na primeira metade do século passado. Refiro-me a livros como *O Livro no Brasil*, de Laurence Hallewell, *José Olympio, o Descobridor de Escritores*, de Antônio Carlos Villaça, *Rua do Ouvidor 110. Uma História da Livraria José Olympio*, de Lucila Soares, e *Brasilianas, José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro*, de Gustavo Sorá, onde são muitas e esparsas as menções à atuação de Jorge Amado nos bastidores da editoração.

Uma outra tese bem espinhosa, matéria para muita tinta acadêmica, é a de que Guimarães Rosa nada tem a ver com o modernismo paulista, floração criativa que preferia “o Brasil através da erudição [e que] por isso jamais alcançou o povo”. Segundo o apresentador da versão norte-americana do *Grande Sertão: Veredas*, o que teria prejudicado a inegável contribuição de Mário de Andrade foi sua extremada “bibliomania”, dito em termos mais elegantes.

Como desdobramento não menos importante desse prefácio, a forma manhosa de solicitar a consultoria gratuita de Jorge Amado sobre os romancistas brasileiros aparece logo em seguida. Em novembro de 1962, depois de prestar contas rápidas sobre o sucesso de vendas de *Gabriela, Cravo e Canela* (*Gabriela, Clove and Cinnamon*), Alfred Knopf vai direto à questão: quais os autores brasileiros, entre José Américo de Almeida, Lúcio Cardoso, Otávio de Faria, José Geraldo Vieira, Dalcídio Jurandir, Herberto Sales, James Amado, Josué Montello, Hernani Donato, Adonias Filho e José Condé, que mereciam ser traduzidos? Para não parecer tão impetuoso, Alfred transfere o ônus da questão e complementa: “*I hate to be a nuisance in this way, but you really have provoked this inquiry*” (2 de novembro de 1962. Box 339.5).

Nessa troca crescente e bem personalizada de informações, palpites, conselhos e sugestões entre Jorge Amado e Alfred Knopf,



**Capoeira,  
de Pierre Verger  
(Salvador,  
1946-48)**

encerrada somente um pouco antes de 1984, ano da morte do editor, há tantos temas e assuntos que um artigo só não comporta. Se fosse elaborada uma exploração prolongada deles, muito de nosso universo intelectual e editorial se desvendaria, mais com base em fatos documentais do que em especulação, às vezes tendenciosa. Nessa messe grande são poucos ainda os operários para tratar de tamanha heterogeneidade temática de que não custa oferecer lista modesta: questões e disputas editoriais (Box 527.8/529.7/536.8/541.4); direitos autorais para o cinema (Box 401.2/430.3/447.13/529.7/541.4/543.2), para o teatro (Box 529.7/536.8/539.1/546.2) e para a televisão (Box 541.4); questões técnicas e linguísticas (Box 339.5/526.1/533.13) ou financeiras de tradução (Box 430.4); a indicação de Jorge Amado para o Prêmio Nobel (Box 539.1) ou como professor visitante da University of Pennsylvania (Box 529.7); suas dificuldades com o visto americano

(Box 546.2/552.7); seus projetos narrativos em andamento (Box 533.13/527.8/543.21); planos de viagem de Jorge e de Alfred (Box 519.1/524.7/527.8); dúvidas sobre o fisco norte-americano (Box 400.14); repercussão das edições (Box 536.8/541.4/543.2), fiascos editoriais (Box 548.1) ou versões clandestinas e até mesmo pornográficas, como no caso de *Gabriela* (Box 543.2).

De forma direta ou indireta, essa massa de cartas entre Jorge Amado e Alfred Knopf esclarece recantos escuros de nossa vida cultural, a maioria dos quais se deve à incúria generalizada de nossa memória industrial, que ainda não abriu espaço institucional e técnico para sua preservação devida. Estamos ainda muito longe de conquistar uma instituição como o Imec (Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine – [www.imec-archives.com](http://www.imec-archives.com)) francês, onde parte substancial da memória editorial daquele país está conservada de modo eficiente.

Daí que não seja talvez inoportuno avançar mais um item nestas considerações preliminares sobre a importância dessa correspondência, mesmo que de forma apenas indicativa: o teor de muitas dessas cartas quando enveredavam pelos impasses editoriais que Jorge enfrentava e para os quais eram oportunas e experientes as sugestões de seu amigo Alfred, uma espécie de assessor informal.

Depois de ter seus primeiros livros editados pela Schmidt, Jorge passou para a José Olympio e, depois, para a Editora Martins, de São Paulo, casa em que ficou por quase trinta anos. Foi com *Tenda dos Milagres* que se deu essa mudança: editando-a pela Record, de Alfredo Machado, em 1969, Jorge deixava a Martins, onde começara a publicar em 1941.

É com bastante discrição e cautela que Lawrence Hallewell se refere a essa mudança, na qual se incluía uma campanha publicitária estruturada e agressiva da parte de Alfredo Machado, de agora em diante um novo personagem a integrar este relato. Basta lembrar, por exemplo, que “*Tenda dos Milagres*, em janeiro de 1969, tornou-se o primeiro romance brasileiro a alcançar a cifra de cem mil exemplares em sua primeira edição”, assegura-nos Hallewell (2005, p. 509). Bem antes disso, Gabriela já fizera furor em inglês, através de *Gabriela, Clove and Cinammon*, editada pela Alfred Knopf, Inc., em 1962. Desse entusiasmo não se pode descartar o pessoal de Alfred que, em carta, confessa: “Desde que voltei para casa, li *Gabriela* até o fim com prazer constante. Acho-o um livro maravilhoso e encantador. Vamos fazer o que for possível para assegurar-lhe, aqui, um tipo de venda e de recepção que acho que o livro merece” (16 de março de 1962. Box 510.5).

É, de novo, Hallewell (2005, p. 510) que contextualiza melhor:

“Depois de *The Violent Land* (1945), [a] editora americana [de Jorge Amado] não publicou qualquer outra tradução até 1962, sem dúvida impedida pelo fator inibidor do macarthismo. Depois disso, a Knopf agiu de maneira amplamente compensadora: pagou US\$ 300 000

pelos direitos de *Gabriel* [sic], *Clove and Cinammon*; veio a ser o primeiro romance latino-americano a entrar nas listas americanas de *best-sellers* e o primeiro a ser escolhido pelo Book of the Month Club, o clube de livro norte-americano mais conhecido. Suas vendas chegaram a 65 mil exemplares em fins de 1982”.

Antes de *Tenda*, no entanto, um novo impulso editorial já fora dado pela marota Gabriela, em 1958. Mais erótica que utópica, *Gabriela* levantou a carreira de Jorge e favoreceu nova trama que de há muito se esboçava entre dois Alfredos: um Knopf americano e um Machado brasileiro. Entre os anos 50 e 60, portanto, não se dava apenas uma reorientação temática e estilística no romance de Jorge Amado – agora menos avermelhado e menos indigesto do ponto de vista ideológico –, mas criava-se atrás de si, de forma lenta e mais empresarial, um esquema de suporte, de publicidade e de finanças mais ágil e moderno, capaz de valorizar seu passe editorial. Com o desligamento de Jorge Amado da Martins e sua transferência, em seguida, para a Record, tudo indica que se abria uma nova era nas relações entre autor e editor neste país. As relações entre ambos deixavam de ser domésticas para se tornarem mais empresariais, mais profissionais. E isso pode ser localizado entre 50 e 60.

Através da leitura lenta e cronológica da correspondência entre Jorge e Alfred, ainda não de todo examinada por esta pesquisa, é possível perceber algumas movimentações no sentido de como se dão as aproximações e os distanciamentos entre os correspondentes. Movimento de verdadeira ciranda sutil – e legítima, diga-se logo! – de interesses. Entre avanços e recuos recíprocos, constrói-se linha clara entre o profissional e o pessoal, o que não quer dizer, em absoluto, que as duas dimensões não se misturem, vez ou outra, que uma não contamine a outra. Nas décadas de 60 e de 70, vai-se moldando um relacionamento entre o editor e o escritor no qual as reservas individuais, sobretudo as de caráter cultural, vão-se atenuando. A excitação de Alfred diante do convite para ser

padrinho de casamento de Paloma Amado não nos deixa duvidar dessas emoções em reelaboração. Ao pai da noiva, o editor confessa: “*We are much touched by Paloma’s desire to have us as god-parents – compadres?*” (28 de setembro de 1970. Box 529.7). Na justaposição proposital das línguas, eis um traço de confraternização que se estreitava, materializando-a. Da parte de Jorge, a confiança não era menor. Enquanto trabalhava em *Tereza Batista*, o autor confidencia:

“Espero ser capaz de traçar um perfil feminino, o terceiro, que se junte ao de Gabriela e de Dona Flor. [Tereza] será diferente das outras duas, cheia de coragem e, ao mesmo tempo, de sofrimento. Tereza se parecerá com elas apenas em termos de loucura pela vida e pelo amor” (16 de junho de 1972. Box 533.13).

Pouco antes, no entanto, é possível detectar uma das primeiras manifestações de contrariedade de Alfred Knopf em relação a José de Barros Martins, o editor paulista de Jorge Amado. Em carta de julho de 1966, depois de mostrar-se satisfeito com as ilustrações brasileiras para *Dona Flor*, achando-as “*amusing and provocative*”, Alfred reclama do editor brasileiro, afirmando que ele sofre de “*graphophobia*” (19 de julho de 1966. Box 519.1). A partir desse momento, crescem o volume e a intensidade das reclamações, no plano empresarial. Num outro conjunto de cartas, datadas de 1969 e dirigidas a James Amado, irmão de Jorge, Alfred reclamava do comportamento muito pouco profissional do editor brasileiro, argumentando que ele não respondia cartas, não cumpria o que prometia e não lhe enviara os dois exemplares necessários de *Dona Flor* para que se obtivesse o *copyright* da tradução nos EUA (cartas de 19 e 30 de setembro, 20 e 31 de outubro, 5 e 14 de novembro de 1969. Box 527.8).

Aos poucos, o tom vai-se azedando e as objeções do editor norte-americano ao colega brasileiro vão-se ampliando, em jogo claro de intimidade profissional, permitida pela aproximação pessoal, que crescia a olhos vistos. Uma aproximação que levou Alfred a pedir

permissão a Jorge para transcrever parte de seu telegrama de pêsames pela morte precoce de Blanche Knopf no *Borzoi Quarterly*, revista de circulação interna na editora (carta de 21 de junho de 1966. Box 522.4), ou de vaziar, em outras cartas, seus sentimentos íntimos a respeito de seus contatos profissionais com o Brasil. Se, de um lado, Alfredo e Glória Machado lhe pareceram um casal formidável (carta de 26 de março de 1968. Box 526.1), por outro Alfred revelou sua decepção com o comportamento de José de Barros Martins, tido por ele como pouco profissional do ponto de vista da comunicação empresarial. Da animosidade e do contraste entre Knopf e Martins, uma carta dá testemunho. De modo duro e taxativo, Alfred comunica a Jorge que acabara de receber os exemplares de *Tereza Batista*: “Chegaram-me pelo correio aéreo através do nosso inestimável amigo Machado e não através do, nem preciso lhe dizer, *inefável* Martins” (19 de dezembro de 1972. Box 533.13 – grifo meu). Na escolha do adjetivo erudito (*ineffable*), de uso raro em inglês, restam a marca do ânimo adverso e a da reorganização das forças e das estratégias, que só se acentua com o decorrer dos anos.

\* \* \*

Nascido em 1892, Alfred Knopf faleceu em 1984, com 91 anos.

Em agosto de 2011 falecia Jorge Amado, dias antes de arredondar seus 89 anos, pois que nascera em 1912.

Alfredo Machado, por sua vez, faleceu em 1991, aos 68 anos. Sua inserção posterior nesse trajeto editorial que abarca um editor norte-americano de ponta e um escritor brasileiro de prestígio não faz senão revigorar uma aliança que se construíra no estrangeiro e para a qual faltava a contrapartida editorial brasileira. Mesmo que ainda faltem estudos detalhados sobre a expansão das atividades de Alfredo Machado no setor editorial deste país, alguns depoimentos dispersos já podem ser recuperados nesse sentido. Em um deles, por exemplo, Paulo Rocco (apud Freitas, 2001) faz observação importante: “Alfredo foi precursor no relacionamento com agentes internacionais. Antes dele, a cessão de direitos ao Bra-



sil quase sempre passava por Portugal [...]”.

Ivan Pinheiro Machado, da L&PM gaúcha, valoriza Alfredo Machado por outro flanco e não receia enfrentar o preconceito, muito cultivado nos *campi*:

“Um dos fundadores da L&PM Editores, criada em 1974, Ivan Pinheiro Machado (nenhum parentesco com Alfredo) lembra a generosidade do colega mais experiente, que costumava ciceronear os iniciantes na Feira de Frankfurt, maior evento editorial do mundo: – Editores como Alfredo (Machado) e Ênio (Silveira) abriram as portas do mercado internacional para o Brasil. Além disso, Alfredo teve uma influência grande na formação do mercado nacional. Falando sem preconceitos, é o *best-seller* que cria o mercado, porque mantém o fluxo de caixa e de gente nas livrarias – avalia Ivan” (Freitas, 2001).

Do cruzamento dessas três vidas, cada uma delas modelada em ambientes profissionais diferentes, emergem alterações de perspectivas que interessam diretamente à cultura literária e editorial deste país. Numa carta de Alfredo Machado para Alfred Knopf, essa mudança rumo à profissionalização editorial acentuada aparece com frase cortante: “[...] *publishing in Brazil used to be a gentleman’s profession, and now it is suddenly becoming a professional’s profession*” (2 de setembro de 1980. Box 551.4).

Não é de duvidar, portanto, que uma pesquisa mais demorada nos papéis de Alfred Knopf estenda ainda mais o nosso conhecimento sobre Jorge Amado, sobre sua atuação cultural e sobre nossa expansão editorial. Uma atuação que continuará ignorada se continuarmos limitados à avaliação apenas estética e ideológica.



## BIBLIOGRAFIA



- AMADO, João Jorge (org.). *Toda a Saudade do Mundo. A Correspondência de Jorge Amado e Zélia Gattai*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.
- AMADO, Jorge. *Gabriela, Cravo e Canela*. São Paulo, Martins, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Navegação de Cabotagem*. 6ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2006.
- FREITAS, Guilherme. “Morto Há 20 Anos, Alfredo Machado Mudou o Mercado Editorial Brasileiro com a Record”, in *O Globo*, Caderno Prosa e Verso, 2001, p. 6. Disponível em: <http://www.aarffsa.com.br/noticias2/19021153.html>.
- GATTAI, Zélia. *Senhora Dona do Baile*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- HALLEWELL, Lawrence. *O Livro no Brasil: Sua História*. Trad. de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo, Edusp, 2005.
- MARTINS, Eduardo Vieira. “Franklin Távora, o Romance e o Norte”. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slt28/05.pdf>.
- PAES, José Paulo. *De “Cacau” a “Gabriela”: um Percorso Pastoral*. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.
- ROSTAGNO, Irene. *Searching for Recognition. The Promotion of Latin American Literature in the United States*. Westport, Conn., Greenwood Press, 1997.
- TÁVORA, F. *O Cabelo*. 3ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1963.
- TEBBEL, John. *A History of Book Publishing in the United States*. 4 vols. New York, R. R. Bowker Co, 1972 a 1978.
- \_\_\_\_\_. *Between Covers. The Rise and Transformation of Book Publishing in America*. Oxford, Oxford University Press, 1987.
- \_\_\_\_\_. *The Magazine in America 1741-1990*. Oxford, Oxford University Press, 1991.